



## **Negritude: construções na identidade social**

**Gabriela Souza da Rosa<sup>1</sup>**

[rita\\_rosa1202@outlook.com](mailto:rita_rosa1202@outlook.com)

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

**Sílvia da Silva Lopes<sup>2</sup>**

[silvia-lobes@uergs.edu.br](mailto:silvia-lobes@uergs.edu.br)

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

**Resumo:** Com esta experiência do projeto de extensão Compartilhando Vivências da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), venho falar sobre a vivência que tive como bolsista voluntária acadêmica de iniciação à docência do projeto. Sou aluna do curso de Graduação em Dança: Licenciatura da UERGS Montenegro/RS. Participei desse projeto dando aulas de Danças de Matriz Africana, oportunizando a mim e aos participantes uma experiência de troca significativa e relações de opiniões de uma forma irreverente. A metodologia da aula foi sendo construída a partir da minha relação com os alunos, e com um método de avaliação criado pelo próprio projeto, com auxílio do coordenador do mesmo, ao longo das aulas. Essa experiência foi enriquecedora, pois me permitiu pensar novas formas de abordagens didático pedagógicas para essa modalidade de dança.

**Palavras-chave:** Vivência; identidade; experiência.

Participei como acadêmica de iniciação à docência, no projeto de extensão do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura, chamado Compartilhando Vivências, que dá acesso aos alunos da Universidade dos Cursos de Graduação em Artes e pessoas da comunidade – cidadee Fundarte – a terem uma experiência diferenciada de aula de dança. É sobre tal experiência que se dará este relato.

Esse projeto oportuniza aos alunos do Curso de Dança a ministrarem aulas a partir do conhecimento que já trazem de fora da faculdade. Essa atividade de extensão proporciona o enriquecimento das práticas docentes desses acadêmicos, pois o projeto visa a potencializar e desenvolver sua metodologia de ensino, a partir da colaboração do docente responsável assim como dos discentes.

---

<sup>1</sup> Cursando 2º semestre de Graduação em Dança: Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Montenegro/RS. Bolsista UERGS - Projeto de Extensão, Pedagogias da Igualdade: Uergs e Comunidade no Enfrentamento das Desigualdades de Gênero.

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física-Licenciatura pela ESEF do Instituto Porto Alegre. Especialista em Fisiologia do Exercício com pesquisa na área da dança. Mestre em Educação com pesquisa na área da dança: "Para Além da Técnica: Estratégias Pedagógicas de Três Professoras de Dança ou a Presença Como Modo de Estar ali". Professora e coordenadora do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura da UERGS.



Cada acadêmico de iniciação à docência administra quatro aulas, assim são oferecidas 4 oportunidades para se trabalhar esse crescer, como o aluno. Isso só é possível através de um método avaliativo, que acontece ao final de cada aula, onde os alunos recebem papel e caneta e anotam suas críticas e/ou elogios sobre a atividade dada na respectiva aula. Entregavam de forma sigilosa ou não – poderiam ser entregues com ou sem identificação – para o (a) bolsista voluntário (a) do projeto de extensão. Este deverá refletir acerca das críticas que foram feitas pelos alunos do projeto e levá-las ou não em conta no planejamento da aula posterior. A professora orientadora também fazia contribuições ou provocações

Meu objetivo inicial com esse projeto foi ver como é a relação/reação dos corpos brasileiros impregnados por outras culturas e suas relações com as danças de Matriz Africana em performance improvisado individual de cada aluno.

A proposta que levei para trabalhar no projeto foram dadas danças de Matriz Africana, e danças Afro Brasileiras. Como essa atividade é aberta para a comunidade Montenegrina, havia um grupo bem heterogêneo de pessoas, alunos do curso de música, bailarinas clássicas, alunos da licenciatura do teatro, licenciatura da dança entre outros. Então iniciei apresentando verbalmente e contextualizando a minha proposta para os alunos. Expliquei sobre as danças de Matriz Africana e de onde originou se a proposta e como aprendi.

As danças de Matriz Africanas que trouxe para a atividade, vem das participações que tive em Workshops de dança Afro Brasileiras e de Pápua–Nova Guiné da África, com o Daniel Amaro que é um artista renomado no meio da dança em Pelotas (RS) e diretor da Cia de Dança Daniel Amaro que morou em nova Guiné na África por mais de 10 anos e também trouxe experiências que tive em tive como Dançarina de um grupo de Dança Afro de cultura Nigeriana chamado ÌBEJÍ (que em yorubà, significa gêmeos).

Então, a partir dessas informações comecei a constituir qual seria a minha metodologia de aula. Comecei a atividade com uma apresentação dinâmica dentro de um exercício de alongamento com o intuito de aquecer e fazer os alunos se apresentarem uns para os outros. Utilizei esse exercício para estabelecermos uma relação de coleguismo e de partilha do mesmo espaço de energia.



Na sequência, demonstrei os primeiros movimentos a serem feitos para os alunos. Eles deveriam experimentar e posteriormente, improvisar a partir daqueles movimentos de dança. Segundo alguns relatos, o improvisado foi o momento que eles mais gostaram, pois puderam explorar mais os movimentos que ficaram no corpo.

Notei então, na sequência das aulas, um acontecimento muito interessante com relação ao grupo, o que foi potencialmente significativo e característico para o meu trabalho a partir daquele momento, a relação que foi criada com a roda o círculo.

O círculo a roda, os movimentos em permanente rotação criam sentimentos e formas de sociabilidade, trazendo experiências coletivas no ato de dançar, de estabelecer contato com o corpo, de sentir uma prática que integra e se unifica na própria coreografia. (SABINO e LODY, 2011, p.48).

Realmente se criou este elo de interação de uns com os outros e com a proposta dada. O círculo cria uma relação direta do ser humano com o indivíduo indiretamente com a proposta gerada através do lúdico.

Na sequência das aulas, houve um crescer evolutivo e característico/significativo através das avaliações surgiram: inquietações, críticas construtivas, elogios e indagações que os alunos, professores participantes, orientadora e colegas trouxeram individualmente. Ao final de cada aula, pude refletir e tentar suprir ao máximo as suas carências e as minhas dúvidas, em relação à proposta e sobre a metodologia que comecei moldar. Tudo isso me elucidou e potencializou ainda mais a minha proposta com aquele grupo, pois a atividade proporcionava uma potencia de energia que fazia com que os alunos entrassem em outra dimensão com o evoluir da atividade. Era um acesso a outra sintonia, uma busca infinita de querer cada vez mais se relacionar com uma dança nova, com os seus corpos, suas questões, o contato direto com outros colegas e o principal: a energia latente.

Com essa oportunidade como acadêmica de iniciação à docência, dentro do projeto de extensão Compartilhando Vivências, pude captar no corpo desses alunos e colegas, tudo que pensei enquanto objetivo inicial para dar partida ao projeto, **Negritude: construções na identidade social** que está em um evoluir prático/teórico.



## Referências

SABINO, J.; LODY, R. *Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.